



O ESPAÇO LITERÁRIO E AUTOBIOGRÁFICO NOS CONTORNOS DOS GÊNEROS: UMA ENTREVISTA COM MAGDA GUADALUPE

THE LITERARY SPACE AND SELF-BIOGRAPHIC INTO THE SHAPE OF THE GENDERS: AN INTERVIEW WITH MAGDA GUADALUPE

Magda Guadalupe

ENTREVISTA POR:
**Otávio Augusto de Oliveira
Moraes***

* otaviomoraesrg@gmail.com
Doutorando em Literatura pela UFMG, mestre em literatura pela PUC-MG.

Magda Guadalupe é professora de filosofia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG) e da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). A professora Magda Guadalupe dos Santos conjuga em seus estudos reflexões que partem tanto do universo filosófico quanto das searas jurídicas, desenvolvendo pesquisas majoritariamente voltadas os temas sobre as teorias de Simone de Beauvoir, filosofia e teorias feminista, questões de gênero, ética e alteridade.

Magda Guadalupe teach philosophy at Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG) and at Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Professor Magda Guadalupe dos Santos conjugate, in their studys, reflexions wich come from the philosophical universe as from the juridical field. Developing researches mainly

focused into the themes about the theories of Simomne de Beauvoir, philosophy and feminist theories, gender issues, ethic and alterity.

É notável nos escritos da entrevistada o diálogo com o universo literário, principalmente no que se refere aos escritos memorialísticos e ficcionais que compõem a fortuna literária de Simone de Beauvoir. Em suas pesquisas sobre a pensadora francesa a professora Magda Guadalupe toma as formas narrativas das obras enquanto componente indissociável do processo de constituição de uma filosofia feminista. A tônica da presente entrevista centra-se no diálogo com a entrevistada sobre suas reflexões acerca do encontro entre forma literária e exercício filosófico.

A SENHORA TOMA O “NARRAR A SI MESMO” ENQUANTO IMPORTANTE COMPONENTE DO FILOSOFAR DA PENSADORA SIMONE DE BEAUVOIR. TENDO EM VISTA A PRESENÇA DESSA QUESTÃO EM SEUS ESTUDOS, INDAGAMOS – COMO A SENHORA CONCEBE A RELAÇÃO ENTRE OS ESCRITOS AUTOBIOGRÁFICOS E AS REFLEXÕES TEÓRICAS DA FILÓSOFA?

Agradeço pelo honroso convite em poder participar desse ciclo de entrevistas e debates de temas conexos entre filosofia, arte e história.

Simone de Beauvoir é, sobretudo, uma autora bastante polêmica e que transita por bases filosóficas e literárias, demonstrando sempre grande afeição pela literatura. Em sua obra de Memória, intitulada, *La force de l'âge* (*A força da idade*), publicada em 1960, ela nomeia a si e a Sartre como “escritores”: “Éramos escritores. Qualquer outra determinação fora impostura”.¹ Ora, a escrita tem para ela um papel de vivacidade, de representação daquilo que se viveu e que demonstra suas bases teóricas e sua intrínseca participação no mundo. A teoria do engajamento, de uma literatura engajada, o compromisso com o mundo, tais lemas são bem identificados em seus relatos autobiográficos nas obras de Memórias.

Nestes escritos de Memórias, identificam-se seus referenciais teóricos mais enfáticos, seu gosto pela vida, suas preocupações existenciais, políticas, morais. As heranças filosóficas, de Kierkegaard a Hegel, a crítica à tradição

identitária e a abertura ao *outro*, em sentido tanto teórico quanto a partir de vivências cotidianas que se apresentam nos relatos mnemônicos. Teorizar, para Beauvoir é, sobretudo, relatar a si mesma o que se viveu e se pôde compreender de si e da realidade ao seu redor. Sua escrita equivale, assim, a uma constatação do que foi vivido e das bases teóricas pelas quais optou e em torno delas construiu um *ethos* existencial, uma habitualidade de referendar suas vivências em dilemas morais e políticos que poderiam servir de fio condutor para se compreender a história de uma época: o século XX e suas ambiguidades culturais.

No espírito da primeira questão, gostaríamos que falasse sobre como se constitui, na tradição filosófica feminista, o diálogo com o universo literário.

Bem, esta é uma questão complexa e bem ampla para uma resposta única ou direta. Esse diálogo é ilimitado, na verdade, se tomarmos as questões da perspectiva feminista que vão acompanhando o cenário filosófico da Antiguidade ao mundo atual, formando diversos modos de interlocução.

Veja, por exemplo, em autoras como Adriana Cavarero, em sua mais famosa obra, *Nonostante Platone*, de 1990, em que problematiza as figuras femininas na filosofia antiga com suporte nesta relação entre literatura e filosofia, de Homero a Platão; assim também Luce Irigaray, que faz

1. BEAUVOIR, Simone de. *A força da Idade* (1960). Tradução Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1961, p.17.

um retorno à tragédia grega, especialmente, ao mito de Antígona, ou Nicole Loraux, que investiga a cultura grega, especialmente o teatro grego antigo, sob a perspectiva feminista. São todas elas autoras feministas europeias, que concentram seu olhar indagativo, em determinada etapa de suas vidas, buscando estabelecer correlações sobre os movimentos e teorias feministas dos anos 1960, 70 e 80 e a tradição da cultura literária, de origem grega, a partir da qual filosofia e literatura deram a tônica de possibilidades interpretativas e também valorativas da cultura.

Mas há tantas outras autoras de séculos anteriores, como Mary Woolstonecraft, em sua *Vindication of Rights of Woman*, de 1792, texto em que ela argumenta como a suposta inferioridade das mulheres diante dos homens não é uma questão natural, mas é causada pela frágil educação que a elas se permite. As propostas de Woolstonecraft são de reformar os projetos de educação de seu tempo e dar às mulheres o conhecimento lógico e também, especialmente, conhecimento literário, para que pudessem ter uma noção mais ampla de si mesmas.

Contudo, se pontuarmos os exemplos já nomeados e nos voltarmos para os projetos propostos por Simone de Beauvoir, poderemos ter algo mais concreto. Isso porque Beauvoir era grande leitora da tradição filosófica e literária, e as feministas pós 1960 tornam-se, por sua vez,

leitoras de seus escritos. A relação entre filosofia, literatura e perspectivas feministas vai sendo gerada também em função das práticas de vida que seguem a esse período, de uma forma mais expressiva. Beauvoir tem uma íntima relação com a literatura, seja por meio de suas leituras e obras de ficção, como *A convidada* (1943), *As belas imagens* (1966), *A mulher desiludida* (1967), entre outras, obras em cujas tramas as personagens femininas destacam-se como protagonistas de suas próprias vidas, sejam estas vidas de sucesso ou não. Mas há, especialmente, as obras de Memórias. Inigualáveis obras em que ficção, história, filosofia e métodos de análises hermenêuticas e axiológicas se mesclam ao ato de contar-se a si mesma a vida que passa diante de si, como se fosse a vida de uma personagem criada para si e de si mesma. Essa relação intrinsecamente especular que Beauvoir nos relata em suas várias obras de Memórias, é algo que realça esse diálogo entre filosofia e literatura.

Em seu escrito *Literatura e Metafísica*, de 1946, ela diz que, “um verdadeiro romance não se deixa reduzir a fórmulas, nem se deixa sequer contar: é tão impossível separar dele o sentido, como separar um sorriso de um rosto”.² Ora, essa intrusão da filosofia no romance ou na literatura, tornando clara a ideia de uma obra de arte, de certa forma destrói a condição de ficção que a obra pressupõe.

2. BEAUVOIR, Simone de. Literatura e Metafísica. In: BEAUVOIR, Simone de. *O Existencialismo e a sabedoria popular*. Tradução de Mário Matos. Lisboa: Esfera do Caos, 2008, p. 6.

E é esse também o jogo da vida. Fantasiar, encenar para si a realidade, por meio de relatos autobiográficos ou de ficções literárias, nos fazem acordar para o cenário profundo da vida. A realidade que parece desperta nem sempre nos possibilita compreender o que somos no meio em que vivemos. A ficção tem esse poder de nos fazer transcender os limites do presente e nos elevar a outras realidades, que nos fazem retornar a nós mesmas e mesmos. Beauvoir fez isso o tempo todo de sua trajetória ficcional. Ela relatou, a si e a seus leitores, uma mulher construída no cenário patriarcal do século XX e nos fez sonhar, com ela, com um mundo mais simétrico.

Pode-se pensar que a releitura de suas obras por teóricas como Cavarero, Irigaray, Butler e outras feministas que transitam da filosofia à literatura retomam certas bases desse pensamento e seguem adiante numa dicção própria. Cavarero escreve que sua “perspectiva hermenêutica é aquela de indagar sobre a ordem patriarcal nos traços do que se conserva” de tudo o que foi ali cancelado e de novo reconstruído. Justamente, a forma como as figuras femininas surgem nas margens da literatura da Antiguidade e mesmo nos diálogos de Platão realça uma “trama conceitual oculta” e bastante rica para a construção do imaginário cultural ocidental.³ O que Cavarero propõe é uma nova abordagem, um renascimento das figuras femininas

buscadas na literatura, para ali se identificar as nuances do imaginário cultural.

EM UM DE SEUS TEXTOS, O DESEJO EM SIMONE DE BEAUVOIR E EM JUDITH BUTTLER: UM MODO INTERROGATIVO DE SER, A SENHORA TOMA A RECEPÇÃO DO PENSAMENTO HEGELIANO ENQUANTO COMPONENTE DAS REFLEXÕES SOBRE GÊNERO NAS DUAS AUTORAS, PRINCIPALMENTE NO QUE SE REFERE A RELAÇÃO ENTRE EXTERIORIDADE E INTERIORIDADE NO INDIVÍDUO. EM SUA OPINIÃO, QUAL É O LEGADO DA TRADIÇÃO HEGELIANA NO PENSAMENTO FEMINISTA?

Bem, se tanto Beauvoir quanto Butler retomam o pensamento de Hegel, mesmo que criticamente, a entrada de sua complexa filosofia no cenário das interpelações feministas dá-se mesmo por meio das filósofas que o releem de uma perspectiva feminista. Sem dúvida, a “dialética do Senhor e do Escravo”, que está na seção VI da *Fenomenologia do Espírito*, de 1807, aparece de forma bem expressiva na introdução de *O Segundo sexo*, de 1949, e também na tese de doutorado de J. Butler, *Subjects of Desire: Hegelian Reflections in Twentieth-Century France*, publicado em 1987.

Se Butler está interessada em investigar a relação entre *autoconhecimento* e *desejo* como uma das formas de se tematizar sobre gênero e a condição discursiva de corpos que se generificam, Beauvoir problematiza como tal dialética se mostra sempre absoluta e nunca relativizada na relação

3. CAVARERO, Adriana. *Nonostante Platone. Figure femminili nella filosofia antica*. Verona: Ombre Corte, 2009, p. 16.

entre homens e mulheres ao longo da história da cultura. Para Beauvoir, apesar do relativismo de situações históricas concernentes a formas de ser e de dever-ser, no encontro entre os sexos, a mulher sempre foi tomada como o *outro* da cultura. Assim, a dialética nunca se mostrou relativizada como em Hegel se faz supor sobre a possibilidade de o escravo, pelo trabalho, tomar o lugar de relevo do sujeito e demonstrar ao senhor sua posição de dependência ao aspecto e valor laboral.

No processo civilizatório, e mesmo em plena contemporaneidade, entendia Beauvoir que essa inversão dialética não se demonstrava explícita no cenário das práticas e experiências de vida entre homens e mulheres, e justamente isso lhe chamava a atenção e deveria ser revisto pela própria disposição dos meios materiais da cultura. Por que motivo as mulheres sempre ocupavam o lugar de *outro* absoluto? Essa é uma questão ironicamente proposta em termos metafísicos, mas que deveria ser respondida à luz dos dilemas culturais.

A TRADIÇÃO EXISTENCIALISTA, FOCALIZANDO SUA MODULAÇÃO BEAUVOIRIANA, CARREGA A INTERRELAÇÃO ENTRE A VIDA E A FILOSOFIA COMO UM PONTO FULCRAL. A PRÓPRIA COEXISTÊNCIA DE UMA CRIAÇÃO FICCIONAL COM O PLANO ENSAÍSTICO DEMONSTRA ESSE GESTO DE INTERRELAÇÕES CRÍTICAS. COMO TAL

CONCEPÇÃO IMPACTA, CONCEITUALMENTE, A CONSTITUIÇÃO DE UMA ÉTICA NO PENSAMENTO DE SIMONE DE BEAUVOIR?

Bem, esta também não é uma questão muito simples. Se você estiver preocupado com a relação entre *teoria e prática para a ação*, conforme os termos de Beauvoir, então realmente sua questão é bem pontual e dentro das temáticas existencialistas. Beauvoir sempre lembra a seus leitores que a prática de vida é o que dá dinamismo aos aspectos teóricos sobre um tema. Agora, confesso que não sei bem como pensar a literatura como uma linha intermediária entre a teoria e a prática, mas podemos pensar a este respeito, levando as teorias de Beauvoir em consideração.

Vejamos, no escrito *Literatura e Metafísica*, ela nos diz que se a elaboração científica é a confrontação com o fato, isto é, com “a hipótese considerada como verificada com a ideia nova”, na literatura, o autor tem de confrontar incessantemente os seus intentos com a realização que deles esboça e que, imediatamente, reage sobre eles. Caso queira que o leitor acredite nas invenções que propõe, é preciso que o autor acredite nelas fortemente, para então ali descobrir um sentido que inundará a “ideia primitiva”, que sugerirá problemas, reviravoltas, desenvolvimentos imprevistos. Assim à medida que a história se desenrola, ele vê aparecer verdades de que não conhecia antecipadamente o rosto, perguntas para as quais não possui

a solução. Por meio da literatura, autor e leitores se interrogam, tomam partido, correm riscos. A literatura e o romance, por exemplo, surgem para o autor como uma autêntica “aventura espiritual” que clama pela participação de leitores, que exigem estabelecer com eles uma “comunicação verdadeira”.⁴ E também as obras de Memórias: elas têm impacto no cenário histórico. Quando se leem os escritos de Beauvoir, podemos nos situar naquele horizonte discursivo e dali apreender o peso da história e também das teses que se mesclam às análises dos acontecimentos do mundo em determinado período do século XX.

Sabe-se que Beauvoir privilegia em seus escritos a noção de *Situação*, como a noção de condições existenciais nunca fixas, e este é o seu primado ético por excelência. Isso porque, em bases existencialistas, *Liberdade e Responsabilidade* caminham juntos como princípios teóricos, mas, sobretudo, princípios que norteiam mulheres e homens a se depararem com o peso da dimensão histórica em que se inserem. Seu *ethos*, sua forma ética de ler o mundo é sem dúvida a da “moral da ambiguidade”, de que não há uma única linha materialista ou espiritualista, prática ou teórica, para se apreender e constituir os valores pelos quais se está inserido no mundo.

Literatura e filosofia caminham juntas no cenário de revisão dos valores desse mundo e, para Beauvoir, é preciso

sempre descrevê-los para que façam sentido para cada um/a como leitores da vida que se fabrica diariamente em sua significação existencial, inserida no mundo, ao lado dos outros que provocam, criticam e demonstram a si e aos demais sua singularidade concreta.

O BRASIL EXPERIMENTA UM PROJETO POLÍTICO QUE TEM COMO ALAVANCA IDEOLÓGICA A NEGAÇÃO DE IDENTIDADES DIVERSAS DO PADRÃO HEGEMÔNICO DE GÊNERO, RAÇA E CLASSE. A UNIVERSIDADE, OS PESQUISADORES E OS EDUCADORES SÃO, NESSE SENTIDO, ANTAGONIZADOS POR ASSUMIREM UMA SUPPOSTA “IDEOLOGIA DE GÊNERO”. AOS OLHOS DA FILOSOFIA FEMINISTA, COMO A SENHORA COMPREENDE ESSE FENÔMENO?

A chamada *ideologia de gênero* não é uma tese filosófica e muito menos de Simone de Beauvoir e nem está ligada à intrínseca relação entre filosofia, feminismos e literatura. Trata-se, a meu ver, de uma fabricação cultural, possivelmente, imposta para desacreditar as teorias feministas, teorias de gênero, entre outras. Tal ideologia consiste em afirmar que as feministas não respeitam as normas de gênero, que estas são naturais e fixas. Ora, nenhuma teoria feminista diz isso e nem se pode mais acreditar que haja tamanha essencialidade na condição humana. Vejo tantos furos em tal ideologia que esta sequer pode ser elevada à condição de uma teoria.

Mas vejamos a lógica interna à tal *ideologia de gênero*.

4. Beauvoir, *Literatura e Metafísica*, 2008, p.69.

Começamos a nossa entrevista discorrendo sobre as ideias de Simone de Beauvoir. Então, voltemos a elas. O ponto de partida que abre o segundo volume de *O segundo sexo* é a famosa sentença: “Não se nasce mulher, torna-se mulher”. Esse ato de tornar-se, do *devenir*, como um conceito grego de vir-a-ser, de transformação contínua, é o que Beauvoir tem em mente para desmistificar as teses de uma suposta essência feminina, que reduziam as mulheres a um não-ser, a uma dimensão de desvalor absoluto. O ato de “tornar-se mulher” equivale tanto, por um lado e criticamente, às determinações culturais, ou seja, a como a cultura impõe determinações de ser e de dever-ser às mulheres, quanto, por outro, a como as próprias mulheres poderiam tornar-se aquilo que desejariam ser, apesar das determinações e estereótipos culturais.

Judith Butler, na passagem de teorias feministas às teorias de gênero, retoma essa tese beauvoiriana e lhe dá um novo alcance. Sexo e gênero e desejo caminham sempre juntos e não se define uma mulher pela sua natureza biológica e sequer pode-se bem determinar culturalmente a profundidade do desejo.

Contudo, nem Butler e muito menos Beauvoir teriam dado início à tal “ideologia de gênero”. Butler escreve, especialmente, em *Gender Trouble*,⁵ publicado em 1990, sobre o caráter performativo do gênero; ela analisa como as

atribuições de gênero são marcas institucionais em cada um/a de nós e como vêm elas atribuídas a partir de expectativas do que cada uma/um de nós deve ser e como se portar na sociedade ao longo da vida. Muitas vezes a auto-percepção não coincide de forma exata com tal atribuição de fundo social e institucional.

Consideremos a entrevista concedida à Folha de São Paulo, em novembro de 2017, por Judith Butler – após um (vergonhoso) ataque sofrido no Brasil, ou seja, ela recebe um convite para vir ao Brasil e é ferozmente atacada por pessoas que se diziam contrárias à tal *ideologia de gênero*, como se Butler fosse a sua inventora... – bem, algo muito triste! Isso só mostrou como as ideologias da *irreflexão* (como dizia Hannah Arendt, se referindo aos efeitos do nazismo) parecem presentes no cenário cultural atual do Brasil e isso é mesmo lamentável! Não pensar é banalizar demais o mal intrínseco disposto nas imposições político-culturais da atualidade. Bem, Butler sofre o ataque físico referido, além de vários ataques verbais, no final do ano de 2017, no Brasil, porque lhe atribuem tal “ideologia de gênero”. Mas ela sequer faz alusão a tal questão – aliás, bem simplista – em nenhuma de suas obras. O que ela então menciona, em entrevista concedida à Folha de São Paulo, em novembro de 2017, é que, no tema gênero, há várias

5. BUTLER, Judith. *Gender Trouble*. Feminism and the Subversion of Identity. New York, London, Routledge, 1990.

questões envolvidas. Tais questões já teriam sido apresentadas em *Gender Trouble*.

Em primeiro lugar, as teorias de gênero problematizam a complexa relação entre sexo, gênero, desejo, atos performativos de fala, de expressão de vida, assim como a complexa significação desta atribuição social de gênero. Cada sujeito, ao nascer em sociedade e sofrer dela seus impactos, é também alguém que se constitui como autor de sua vida e dos modos de tornar essa vida possível, criando relações sociais e psicológicas possíveis de serem trabalhadas. Algumas pessoas, diz Butler, vivem muito bem com a sua atribuição de gênero. Outras, contudo, não se conformam facilmente às normas sociais impostas e tentam de algum modo recriar condições de vida possíveis de serem vividas. Tem-se aí tanto necessidades mais extremas, como as ligadas às aspirações do movimento LGBTQ, que luta pela liberdade de expressão de gênero; mas depara-se também aí com as propostas feministas de se repensar que o gênero não pode ser tomado como algo fixo, ontologicamente intangível, a partir de normas impostas. Afinal, desde Simone de Beauvoir, ou mesmo antes, desde as teóricas iluministas, como Mary Woolstonecraft, Olympe de Gouges e outras, o que se determina como ser mulher não é algo escolhido pelas próprias mulheres, mas a elas imposto, como a sua condição de subordinação, de debilidade

moral e inteligível, entre outras características de atribuição patriarcal. Nesse sentido, todas as mulheres e também os homens que não querem mais, que não mais suportam tais atribuições estereotipadas, estão ampliando as perspectivas de gênero ou de não subordinação às normas impostas pelo sistema patriarcal.

Mas retornando a Butler, é preciso lembrar que seu livro mais famoso, *Gender Trouble (Problemas de gênero)*, não nega a existência de uma diferença natural entre os sexos. Mas também afirma que não se pode presumir conhecer a orientação sexual de uma pessoa pela identificação de seu gênero. Para ela, os ideais de feminino ou masculino variam no tempo e na cultura e não dispõem de significados fixos. E seus significados vão sendo revistos e reapropriados por cada um/a de nós ao longo de nossas vidas.

Sua preocupação maior sempre foi a de se opor às ofensas que visam diminuir as chances de cada um/a poder viver com dignidade seja lá em que gênero se constitui a si mesmo/a. E todas as formas de violência de gênero, tais como abusos, estupros e formas exploratórias, deveriam ser sempre recriminadas. E, claro, as pessoas que não se encaixam nas delimitações e expectativas da heterossexualidade obrigatória (usando aqui uma expressão de Michel Foucault) não deveriam ser assediadas, insultadas ou agredidas e até mesmo assassinadas por esse motivo.

Tais atos de violências são também aplicados às mulheres que não se mostram devidamente ajustadas às imposições do sistema patriarcal, nem são suficientemente submissas ou subservientes ou passivas e obedientes ao sistema patriarcal e, por isso, acabam abatidas cotidianamente. Essa sim é uma ideologia perversa e que precisaria ter fim.

Para Judith Butler, a teoria da performatividade de gênero tentar analisar a formação de gênero e sustentar a ideia de que a expressão de gênero é um direito a ser protegido como um direito fundamental. Isto não é uma *ideologia de gênero*, que parece tomar conta das pessoas como algo acrítico. Afinal parece ser mais fácil e melhor acreditar no mal do que pensar formas complexas e mais livres de se viver bem!

Ora, em nível intelectual, não há como entender que o sexo biológico possa determinar os papéis sociais desempenhados culturalmente, que as mulheres nascem e vivem de forma submissa porque biologicamente são definidas como mulheres. Pensa-se hoje, como sempre se pensou quando se faz uso de nossas capacidades cognitivas, que há toda uma complexidade na existência humana que não permite submeter a vida às regras socialmente impostas como se fossem estanques, fixas, substancializadas.

Contudo, diz Butler, a ideia de gênero como uma *ideologia* foi introduzida em meio a questões institucionais. Parece ter sido introduzida por um argentino de nome Jorge Scala, em seu livro *La ideologia de género*, de 2010, tal conceito provindo de determinações ou trabalhos institucionais de fundo moralizante e religioso. Nesse livro, há uma crítica a todos os que trabalham com gênero, uma crítica às teorias de gênero, como se tais teorias recusassem as diferenças naturais entre os sexos e como se não houvesse para elas qualquer restrição normativa sexual.

Ora, essa não é bem a proposta de Butler ou de verdadeiras teóricas do gênero. Pensar em liberdade de gênero não equivale a abolir as normas de gênero e sequer a rejeitar tais normas como uma afronta moral à sociedade. Significa, outrossim, repensar e ressignificar um ideal de vida possível para todos, respeitando-se sempre as dignidades individuais e coletivas de cada um e de cada grupo. Afinal, vamos aqui finalizar retomando Hegel: se, para o filósofo alemão do final do século XVIII e início do XIX, as leis devem ser pensadas como o atributo lógico mais refinado, como o refinamento maior do *ethos* ou da ética de uma cultura, não se pode pensar que as normas sobre gênero possam ser absolutas, de forma intemporal, e sempre em prejuízo de maiores liberdades de revisão do justo e do injusto.

Esses assuntos estão profundamente ligados ao nosso imaginário cultural, ficcional e temos sempre que ler muita literatura para ampliar nossas mentes e para não nos subordinarmos a ditames moralistas ou preconceituosos, de imposição arbitrária. Uma coisa são teorias que nos fazem pensar e refletir, outra coisa são imposições autoritárias e abusivas. Dos antigos gregos aos iluministas, de Beauvoir a Butler, o nosso mundo cultural tem dado muitas voltas paradigmáticas e é preciso sempre uma abertura mental e também moral para não ler, com olhos de preconceito, de demérito ou desvalor, o quanto as teorias feministas e de gênero contribuem para que o nosso mundo seja um lugar mais receptivo às diferenças; para que possamos sempre redescobrir o mundo com um olhar de admiração e de vontade de seguir adiante com orgulho de sermos os artífices de nós mesmas e mesmos.

Agradeço pela entrevista.

Belo Horizonte, 13 de maio de 2019,

Magda Guadalupe dos Santos

Professora doutora da PUC Minas e da FaE. UEMG.